

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira  
(Organizador)

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



**Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



## Gênero e sexualidade: lugares, história e condições

**Diagramação:** Daphynny Pamplona  
**Correção:** Yaidy Paola Martinez  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Ezequiel Martins Ferreira

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições /  
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -  
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0078-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.783221703>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,  
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste volume dezoito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!

Ezequiel Martins Ferreira

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

AMOTINADAS: TEATRO COM PRÁTICA PEDAGÓGICA DE (RE)EXISTÊNCIA

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217031>

### **CAPÍTULO 2..... 9**

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE  
FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE  
(MCU)

Thayline de Freitas Bernadelli

Márcio José Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217032>

### **CAPÍTULO 3..... 23**

CORPOS INTERSEXOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bruna Silveira Chaves

Ludmila Mourão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217033>

### **CAPÍTULO 4..... 35**

GÊNERO, ESTÁ NOS PLANOS DA UNIVERSIDADE?

Rosângela Wojdela Cavalcanti

Nanci Stancki da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217034>

### **CAPÍTULO 5..... 48**

LA ESCUELA, UNA ACTORA RESPONSABLE PARA ERRADICAR LA VIOLENCIA A LAS  
MUJERES A PARTIR DEL DESARROLLO DE CAPACIDADES

Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217035>

### **CAPÍTULO 6..... 54**

MATERNIDAD COMO OBJETO DE “SALUD”. DISCURSOS, GÉNERO Y CULTURA  
CONTEMPORÁNEA RESPECTO AL USO DE TECNOLOGÍAS DE REPRODUCCIÓN  
HUMANA ASISTIDA

Leila M. Passerino

Noelia S. Trupa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217036>

### **CAPÍTULO 7..... 69**

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES  
ANALFABETAS

Marileia Gollo de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217037>

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>79</b>
POLÍTICA EDUCACIONAL E GÊNERO(S) EM ARAGUAÍNA-TO (2015-2017): DIÁLOGOS SILENCIADOS?	
Fátima Maria de Lima	
Osmar Oliveira de Moura	
Patrícia Fonseca Dias Miranda	
Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038">https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038</a>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>86</b>
REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO	
Elenson Gleison de Souza Medeiros	
Rafaelly Cristina Santos da Silva	
Pâmela Fernanda Vaz Ferreira	
Cyntia Santos Rolim	
Valber Luiz Farias Sampaio	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039">https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>98</b>
TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER	
Melissa Salinas Ruiz	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310">https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>109</b>
LA ESCOLARIZACIÓN Y SU INCIDENCIA EN LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ESTUDIO DE CASOS EN CONTEXTOS MULTICULTURALES EN EL MARCO DE LA REFORMA EDUCACIONAL CHILENA	
Daniela Francisca Lagos Chávez	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311">https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>120</b>
VIOLÊNCIA FINANCEIRA: ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO de 2011 a 2018	
Elisa Aparecida Gomes de Souza	
Franciéle Marabotti Costa Leite	
Gracielle Pampollim	
Gabriela Ravete Cavalcante	
Márcia Regina de Oliveira Pedroso	
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino	
Fábio Lúcio Tavares	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312">https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>133</b>
VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE	

## FEMINICÍDIO

Ionara da Silva Soares  
Bruna Thairla Soares Salazar  
Marcia Juliana Barbosa da Silva  
Mariana Monteiro Freitas  
Marcia Regina Pereira Bilio  
Pedro de Sousa Vieira  
Wayla Kelly de Lima Martins  
Rayane Silva Magalhaes Costeira  
Graciete Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170313>

## **CAPÍTULO 14..... 142**

### **PATRIARCADO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER**

Jaiani Vitor da Silva  
Djane Alves Victor  
Alexsandra Felipe de Andrade  
Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170314>

## **CAPÍTULO 15..... 154**

### **UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO**

Nathália Matoso de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170315>

## **CAPÍTULO 16..... 164**

### **PARTO NA PERIFERIA: A INSERÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO MOVIMENTO DE HUMANIZAÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO**

Laura Carvalheira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170316>

## **CAPÍTULO 17..... 176**

### **ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR**

Alessandra Rufino Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170317>

## **CAPÍTULO 18..... 190**

### **DESEMPENHO DE MENINOS E MENINAS EM TESTES DE LEITURA, ESCRITA, ARITMÉTICA, ATENÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL**

Andréia dos Santos Felisbino Gomes  
Viviani Massad Aguiar  
José Salomão Schwartzman

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170318>

<b>CAPÍTULO 19.....</b>	<b>213</b>
REFLEXÕES DO OLHAR SOBRE O HOMEM E A MULHER NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Fábia Cristina Santos	
Ezequiel Martins Ferreira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319">https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319</a>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR.....</b>	<b>227</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>228</b>

## ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR

*Data de aceite: 01/02/2022*

### **Alessandra Rufino Santos**

Universidade Federal de Roraima (UFRR)/  
Centro de Educação (CEDUC)/ Professora do  
Curso de Graduação em Educação do Campo  
(LEDUCARR) e do Mestrado Profissional em  
Ensino de História (PROFHISTÓRIA)/ Pós-  
doutoranda em Sociologia pela Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)  
<https://orcid.org/0000-0002-8326-3492>

**RESUMO:** Este estudo tem por objetivo abordar as formas pelas quais as imigrantes venezuelanas, e suas redes sociais, passaram a se inserir no meio urbano de Boa Vista, capital de Roraima, a partir de 2015. Neste sentido, depoimentos orais das mulheres venezuelanas contribuem com o pressuposto de que essas mulheres, através de suas redes, mobilizam estratégias de sobrevivência pelas quais se inserem no mundo do trabalho, organizam a vida familiar e ocupam espaços urbanos. No que diz respeito às motivações que impulsionaram a imigração estudada, o estudo busca verificar que o ato de migrar constituiu-se pelo cenário de crise política, econômica e institucional vivida na Venezuela desde 2013. A falta de emprego e de recursos básicos para a sobrevivência resultou em uma situação de miséria, fome, agravamento de doenças e violência. Por causa disso, muitas mulheres venezuelanas começaram a emigrar para outras regiões à procura de melhores condições de vida e oportunidades de trabalho. Um dos principais destinos escolhidos pelas

imigrantes foi o Brasil, em especial a cidade de Boa Vista. No caso em estudo, percebe-se uma trajetória similar desenvolvida pelas diferentes redes das imigrantes venezuelanas em sua inserção na cidade de Boa Vista, que passam pelas estratégias mais informais, ligadas à família e ao grupo de origem, às estratégias mais formais, (re)laborando suas práticas culturais e construindo outros territórios de identificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contexto urbano; Mulheres venezuelanas; Redes sociais.

### INSERTION STRATEGIES OF VENEZUELAN'S IMMIGRANTS IN THE URBAN CONTEXT OF BOA VISTA/RR

**ABSTRACT:** This study has as a social objective to approach the ways in which Venezuelan's immigrants, and their social networks, approached how to insert in the urban environment of Boa Vista, capital of Roraima, since 2015. In this sense, oral testimonies from Venezuelan women contribute to the assumption that these women, through their networks, mobilize survival strategies through which they enter the world of work, organize family life and occupy urban spaces. With regard to the motivations that drove the immigration studied, the study seeks to verify that the act of migrating was constituted by the scenario of political, economic and institutional crisis experienced in Venezuela since 2013. The lack of employment and basic resources for survival resulted in a situation of misery, hunger, aggravation of diseases and violence. Because of this, many Venezuelan women began to emigrate to other regions in search of better living conditions and work opportunities. Because of

this, many Venezuelan women began to emigrate to other regions in search of better living conditions and work opportunities. One of the main destinations chosen by immigrants was Brazil, especially the city of Boa Vista. In the case under study, we can see a similar trajectory developed by the different networks of Venezuelan immigrants in their insertion in the city of Boa Vista, that go through more informal strategies, linked to the family and the group of origin, to more formal strategies, (re)working their cultural practices and building other territories of identification.

**KEYWORDS:** Urban context; Venezuelan women; Social networks.

## 1 | INTRODUÇÃO

A migração internacional no Brasil começou a ganhar destaque no século XX, quando o setor industrial contribuiu com o crescimento da economia brasileira, sendo gerador de emprego e renda (FURTADO, 1968). Do mesmo modo, a migração interna também começou a ganhar destaque no mesmo século. Em tal contexto, cabe incluir a feminização da migração embora esta temática ainda esteja à margem dos estudos migratórios, que evidenciam as migrações masculinas e retratam a mulher como apenas uma companheira nesse processo migratório.

A análise das migrações internacionais, sob a perspectiva feminina, comporta a consideração dos diversos elementos que a acompanham, dos mais individuais aos mais coletivos. No caso específico deste trabalho, o interesse pelas estratégias de inserção das imigrantes venezuelanas no contexto urbano de Boa Vista/RR surgiu com a realização da pesquisa de doutorado em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que ocorreu entre 2015 e 2017. Um dos desafios assumidos por essa pesquisa foi explicar a lógica subjacente ao movimento migratório de mulheres venezuelanas que visualizaram na Amazônia brasileira, em especial a cidade de Boa Vista, a possibilidade de dias melhores.

Esse processo migratório fronteiriço é bom para pensar, entre outras coisas, na lógica do avanço do capital na fronteira amazônica. Os processos de inserção das mulheres venezuelanas em meio urbano boa-vistense sinalizam as possíveis mudanças culturais decorrentes de tais processos, explicitando a relação entre os processos identitários e as estratégias de mobilidade social adotadas por elas.

Nesse contexto, a hipótese inicial da pesquisa partiu da crença de que as imigrantes venezuelanas descrevem suas narrativas sobre a trajetória migratória a partir do aspecto econômico, visto que muitas se deslocaram até Boa Vista com a expectativa de alcançar uma vida melhor ou fugir da ausência de perspectivas de futuro em seu país de origem. No entanto, reconhecemos que o fenômeno migratório não é simplesmente motivado pelo desejo das pessoas por uma vida econômica melhor e um maior status social. Algumas teorias constroem visões alternativas a esta, enfatizando diferentes aspectos da vida em sociedade e enriquecendo os debates sobre o tema. Dentre outros, os estudos sobre as

redes migratórias podem ser bons exemplos de visões mais complexas dos contextos migratórios.

Para Lobo (2010, p.38), os “estudos sobre as dinâmicas locais, especialmente os familiares, em contexto de migração, são exemplos que indicam como as redes migratórias operam de maneira relevante em situações de distanciamento espacial e temporal”. Desta forma, as redes de amizades e parentesco tornam-se indispensáveis, sendo atualizadas, especialmente, nas trocas de bens, valores e informações.

Com essa concepção teórica, ficou mais fácil elaborar os seguintes questionamentos: O que motivou as imigrantes venezuelanas a saírem de seu país de origem? A existência de redes familiares e de amizades no local de destino seria uma das estratégias acionadas por essas mulheres em suas trajetórias? Tais redes contribuem decisivamente no processo de negociações das identidades dessas migrantes?

A compreensão de tais questionamentos requer reconhecer que a migração precisa ser pensada a partir do meio social que a permitiu ser idealizada e operacionalizada. É a partir desse contexto que, para Sayad (1998, p.16), é possível reconhecer que o imigrante “só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa em seu território”. Entretanto, para Guareschi (2006, p.12), embora a migração acarrete uma ruptura social total, “ela é entendida como uma forma de viabilização de um determinado fim, o que geralmente justifica o desejo de retorno”.

Bourdieu (1996), ao contrário, entende que os acontecimentos da vida não se dão cronologicamente. Desta forma, é possível reconhecer que existem fatores de várias ordens que independem da vontade ou conhecimento dos indivíduos. Quem migra, por exemplo, pode não retornar ao local de origem, embora mantenha o sonho de um dia retornar.

Essas contradições referentes a condição migratória, implica diretamente no processo de negociação das identidades das mulheres venezuelanas. Sem dúvida, emergem desta realidade questões que nos estimulam presumir que a imigrante venezuelana, ao sair de seu local de origem, leva consigo toda uma bagagem de produção histórico-social do grupo à qual pertence.

A partir daí, ganha força a ideia de Soares (2004) de que as unidades efetivas da migração não são nem indivíduos, nem famílias, e sim conjuntos de pessoas conectadas por laços de amizade, parentesco ou trabalho. A noção de rede migratória surge, então, do entendimento de que as redes de sociabilidade são de grande importância para o estudo das migrações, uma vez que se configuram como um tipo específico de rede de contato, que não apenas agrega redes sociais existentes como incita a criação de outras, formando o que poderia chamar rede de redes.

Neste sentido, este trabalho, ao buscar realizar um estudo da imigração de venezuelanas na cidade de Boa Vista, utiliza o referencial metodológico qualitativo com a finalidade de investigar como a relação de amizade e de parentesco constitui um aspecto básico no processo migratório. Esta análise é constituída pelo desejo em

explicar a interpretação dos componentes que fazem parte do processo de negociação das identidades (CUNHA, 2007; RIBEIRO, 2002) das imigrantes venezuelanas, bem como avaliar o sentido que fazem sobre a cultura de origem.

As considerações feitas até aqui possibilitaram que as seções deste artigo fossem estruturadas da seguinte forma: a primeira seção, “Os múltiplos significados da imigração de mulheres venezuelanas em Boa Vista/RR: aspectos metodológicos”, apresenta os elementos metodológicos que permitiram viabilizar o estudo do processo migratório de mulheres venezuelanas na cidade de Boa Vista. A segunda seção, “O processo de socialização a partir das redes migratórias”, coloca em foco os aspectos inerentes as contribuições do debate acerca da noção de redes migratórias, demonstrando a consolidação do processo de socialização e negociação das identidades das mulheres venezuelanas que emigraram para Boa Vista. Logo após, a terceira e última seção, “O desafio da (re)construção do passado das mulheres venezuelanas: memória e identidade”, descreve as trajetórias das mulheres venezuelanas em um diálogo com a memória e a identidade.

## **21 OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA IMIGRAÇÃO DE MULHERES VENEZUELANAS EM BOA VISTA/RR: ASPECTOS METODOLÓGICOS**

Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida tomando como referência os relatos descritos sobre a presença de mulheres venezuelanas na cidade de Boa Vista. As atividades de trabalho de campo foram realizadas no decorrer dos anos de 2015 e 2017. Durante este período, foi feito o contato concreto com mulheres de nacionalidade venezuelana que trabalhavam em diferentes profissões, como auxiliar administrativo, dentista, garçõnete e comerciante informal. Foram contatadas 07 mulheres de idades diversificadas, que variavam entre 18 e 52 anos. No entanto, deste universo de pessoas, somente 03 mulheres concederam entrevista gravada. As demais concederam somente conversas informais (FIGURA 01).





Figura 01 – Mulheres venezuelanas entrevistadas em Boa Vista.

Fonte: SANTOS, 2015; 2016; 2017.

Em nível de análise empírica, o presente estudo visa ampliar o entendimento sobre os movimentos migratórios. Assim, é importante reconhecer que a validade da metodologia qualitativa não se assenta em questões de representatividade. Por isso que não foi definido previamente o perfil das possíveis entrevistadas e nem o número de quantas pessoas seriam entrevistadas. Os únicos requisitos pré-estabelecidos era que as mulheres venezuelanas fossem trabalhadoras, residentes em Boa Vista há pelo menos 01 ano.

Neste sentido, do ponto de vista metodológico, os depoimentos orais de migrantes venezuelanas nos colocam frente a visões e interpretações despertadas por experiências guardadas na memória de algumas dessas mulheres. A investigação teve acesso a visões individuais e, ao mesmo tempo, impregnadas de elementos sociais, culturais e ideológicos. Esse cenário justifica-se pelo estudo ter tratado de uma realidade aberta, inconclusa, situada em um tempo histórico muito próximo, no qual a memória dessas mulheres foi tratada como instância produtora de representações, marcada por referências individuais e sociais.

Em função do entendimento de que a emigração das mulheres venezuelanas para Boa Vista envolve um elenco de contradições, marcada por uma realidade complexa e multifacetada, optamos pela perspectiva interdisciplinar a partir do trabalho com dois planos analíticos: o estrutural, centrado no econômico, e os das decisões, anseios e ações individuais, através das representações sociais. Com isso, traçamos quadros históricos para as duas áreas estudadas, e chegamos a explicação de que a emigração de mulheres venezuelanas para o Brasil, em especial a cidade de Boa Vista, não é um fenômeno novo, já que depois de receber grandes fluxos migratórios provenientes da Europa, no início do século XX, o Brasil passou por uma fase de migração interna muito intensa, marcada predominantemente pelo êxodo rural. Foi somente a partir da década de 1970, que o Brasil passou a ser grande receptor de migrantes dos países vizinhos, como Bolívia, Chile,

Paraguai, Peru, Venezuela e outros países sulamericanos.

Sobre a entrada de mulheres venezuelanas na capital de Roraima, constata-se que essa prática migratória passou a ter maior relevância a partir da década de 2015, estendendo-se até os dias atuais. Trata-se, na verdade, de um fluxo eminentemente de imigrantes trabalhadoras que se enquadra no já conhecido perfil das migrações laborais que marcaram o continente sulamericano. Apesar disso, a imigração venezuelana em Boa Vista é predominantemente masculina. Esse processo revela que o movimento migratório de venezuelanos para o Roraima possui um fator de expulsão muito expressivo, no qual as situações de debilidade econômica, social e de segurança fazem com que muitos venezuelanos deixem seu país em busca de um emprego em condições dignas ou de uma moradia para que, assim, amenizem o desespero causado pela fome e pela pobreza.

Esse processo revela a importância das redes de sociabilidade no direcionamento e na manutenção dos fluxos migratórios. A maioria das venezuelanas que vivem em cidades brasileiras, seja em Boa Vista ou em outro lugar, possui algum tipo de contato no Brasil antes de migrar, facilitando-lhes a inserção no local de destino. Contudo, tais redes podem criar também relações de dependência em que o favor pode transformar-se em dívida, pretendendo e subjugando as pessoas que as recebem.

O contexto mencionado é propício para deixar claro que, em 2017, a prostituição de venezuelanas avançou com a imigração em massa para Roraima, sendo marcada pela prostituição de mulheres venezuelanas em torno da chamada Feira do Passarão, localizada no bairro Caimbé. Apesar dessa abordagem não ser temática desse estudo, cabe destacar que no contexto urbano de Boa Vista as venezuelanas ganharam fama de “oitcentas” devido a muitas delas gritarem “ochenta, ochenta!” em algumas esquinas da cidade, já que o valor que cobram por cada programa sexual é de aproximadamente R\$ 80,00 (oitenta reais).

A aplicação de termos pejorativos direcionados às mulheres venezuelanas que emigraram para Boa Vista não funciona como demonstração de traços regionais, nem obedece às distinções de natureza étnica ou racial e muito menos ao clássico recorte de classes. Fica evidente que embora as mulheres tenham ocupado um lugar de destaque na dinâmica da globalização e dos fluxos migratórios, elas também sofrem violência de gênero, sexismo e exploração. Para Novellino (2004), esse fenômeno tem sido chamado de feminização da pobreza. Com isso, observamos uma moralização acerca da experiência das prostitutas, que de acordo com Juliano (2004), têm sido estigmatizadas pela transgressão de uma essência em moralidade feminina.

### **3 | O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO A PARTIR DAS REDES MIGRATÓRIAS**

O papel das redes migratórias é fundamental na formação dos fluxos e dos ritmos migratórios e até mesmo nos percursos da mobilidade social dos migrantes na área de

destino, por serem fundamentais na adaptação e na interação dos migrantes no mercado de trabalho local. Brumes (2010) evidencia que as redes migratórias possibilitam a existência de pertencimento a um grupo social, compreendendo os vínculos entre todos os membros da sociedade, ou parte deles, unidos por objetivos comuns. A noção de redes migratórias consiste, portanto, de um conjunto de sujeitos e das relações definidas entre eles como, por exemplo, os laços familiares, de amizade, de confiança, de solidariedade, de conterraneidade, entre outros.

Marteleto (2000), por sua vez, caracteriza uma rede migratória com um conjunto de participantes unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses comuns. Para o mesmo autor, as redes proporcionam a compreensão dos fenômenos sociais dentro de seus contextos, estratificando suas relações e sua inserção na sociedade.

As definições apresentadas até aqui nos estimulam a realizar o seguinte questionamento: Qual a importância das redes migratórias nos estudos migratórios? Inicialmente, é possível ressaltar que é através das redes migratórias que laços de identidade, de origem, de condição laboral foram verificados nos movimentos migratórios existentes em diferentes países. É também através das redes migratórias que podemos tentar responder os seguintes questionamentos: Por que alguém se torna um (e/i)migrante? Por que algumas pessoas, sob as mesmas transformações estruturais econômicas, sociais ou políticas, migram e outras não? Levando em consideração a emigração de mulheres venezuelanas para o Brasil, por que algumas delas migram para Boa Vista e outras não, tendo em vista que todas experimentaram as mesmas transformações estruturais?

Podemos recorrer a Tilly (1990) para respondermos as perguntas expostas anteriormente. Para este autor, as unidades efetivas da migração não são nem mulheres sozinhas, tampouco apenas as famílias, mas sim conjuntos de pessoas ligadas por relações de amizade, de conhecimento, de parentesco e de trabalho, ou seja, as redes migratórias. Entretanto, neste processo, não é possível visualizar somente a existência da solidariedade entre os migrantes. Algumas pessoas aproveitam a sua posição social/laboral para explorar outros imigrantes.

Portanto, a existência de redes não garante uma vida “tranquila” as novas imigrantes. Nas redes circulam, na verdade, informações importantes para a decisão de migrar. Essa situação serve também como referência para a justificativa de que, atualmente, o número de mulheres que estão saindo da Venezuela tem aumentado significativamente. Esse fenômeno pode ser explicado sob muitos aspectos. As redes migratórias tornam-se para muitas mulheres um facilitador importante na decisão e no projeto migratório, mesmo nos casos de exploração da mão de obra. É a partir das redes que surgem incentivo, apoio, acolhimento, viabilização de trabalho e moradia.

Sem dúvida, também é por meio das redes que as imigrantes venezuelanas negociam novas relações sociais. No caso das venezuelanas residentes na cidade de Boa Vista, as suas tradições culturais são evocadas constantemente em espaços de sociabilidade.

Conforme Sayad (1998), a constituição das redes no local de destino tem a função de reconstituição da identidade social e cultural que se rompe com a prática migratória. Tal identidade pode ser compartilhada e modificada com os demais membros de cada grupo social e da sociedade em geral.

Nesta perspectiva, as redes migratórias possibilitam as mulheres venezuelanas terem a sensação de identificação e pertencimento, uma vez que trazem mudanças significativas para o local de destino. Soares (2004) esclarece que é através das redes que pode acontecer o encontro das cosmovisões de quem migra com o imaginário voltado ao lugar de origem, o que produz a recriação de símbolos que fazem da identidade.

Logo, as redes migratórias possuem um papel fundamental na inserção das mulheres venezuelanas no local de destino. Entretanto, apesar desta situação, não podemos esquecer de que em alguns casos a ideia de retorno está sempre presente na migração. De qualquer forma, Massey (2000) verificou em seus estudos que as redes de sociabilidade mais importantes se originam nas relações de parentesco, de amizade, de trabalho, de conterraneidade ou pertencimento.

O movimento migratório pode envolver relações de interesse entre aqueles que chegaram ao novo local e os outros já residentes no lugar. Para Haeserbaert (1997), trata-se de redes de determinado tipo de sociabilidade, de reciprocidade, que ressignificam as ações sociais, que reterritorializam os grupos sociais, rearranjam as parcerias e os espaços de vigência do migrante na sociedade de destino.

Contudo, Gaudemar (1977) reforça que a mão de obra só se desloca pelos interesses do capital. Neste caso, em muitas situações, as redes não conseguem evitar a exploração do trabalho, por exemplo. Dependendo do contexto, podem somente prestar-se aos interesses do capital, e não aos interesses do migrante. A partir desta compreensão, Carleial (2004) reforça que a estrutura de dominação no interior das redes migratórias não é violenta e muito menos forçada. É, na verdade, parte da divisão social do trabalho que pressupõe um mandatário capitalista.

Precisamos esclarecer também que os condicionantes da (e/i) migração são anteriores à rede. Conforme as observações de Stavie (2012, p.57), “a migração em si acessa dimensões sociais que envolvem diversos aspectos como valores, cultura, necessidade, subjetividade, etc”. Uma corrente migratória é determinada pelas estruturas nas sociedades de origem e destino, porém, acionada pelas decisões individuais, familiares ou coletivas de determinados grupos que se põem em movimento. São as redes migratórias, portanto, que desencadeiam o movimento migratório.

A abordagem das redes migratórias defende que as migrações não estão sujeitas apenas a mecanismos econômicos. De acordo com tal abordagem, as migrações resultam também de redes de sociabilidade, fortalecendo a ideia de que os (e/i) migrantes não atuam de forma isolada, nem no ato da reflexão inicial sobre a possibilidade de mudar, nem na realização concreta do(s) deslocamento(s), tampouco nas formas de adaptação e

integração no lugar de destino.

Augé (2010) assevera que a abordagem das redes migratórias não nega que muitos são os fatores que acabam determinando a mobilidade espacial da população migrante. Levando em consideração esta afirmação, gostaríamos de acrescentar que a pesquisa retratada neste trabalho sobre a imigração de mulheres venezuelanas em Boa Vista caracteriza-se pela não quantificação dos laços, uma vez que no nosso entendimento as relações sociais são de difícil quantificação. Em decorrência disto, buscamos, sobretudo, compreender o papel das redes de sociabilidade no processo migratório e quais são os desafios encontrados pelas venezuelanas no processo de (re)construção do passado a partir da relação entre memória e identidade.

#### **4 | O DESAFIO DA (RE)CONSTRUÇÃO DO PASSADO DAS MULHERES VENEZUELANAS: MEMÓRIA E IDENTIDADE**

Lembrar é um exercício fundamental dos seres humanos, que remete não somente a situações vivenciadas, mas também a narrativas passadas em outros tempos, apreendidas de diversas maneiras, possibilitando construções identitárias individuais e coletivas. Por isso, para Bosi (2007), a memória conforma uma tipologia de fonte de riquíssima valia, que abre um significativo campo de possibilidades para perseguição do vivido, incluso no que vai sendo experimentado pelas pessoas.

A análise de situações do cotidiano vivenciadas pelas imigrantes venezuelanas na cidade de Boa Vista nos permite identificar os meios que tais mulheres buscam para superar determinadas diferenças. O processo de identificação de mulheres no decorrer de sua trajetória migratória individual pode ser construído e (re)construído em função das suas experiências em diversos cenários sociais (DUBAR, 2000). Por esse motivo, podemos compartilhar com Ricouer (2007) a ideia de que a identidade pode ser entendida como um relato que possui os elementos próprios da narrativa, como, por exemplo, a sequência temporal, os personagens e a situação específica.

Ao considerarmos as imigrantes venezuelanas trabalhadoras, que precisam se integrar ao contexto da sociedade de acolhimento, verificamos que a identidade social de cada uma é diferente do papel social que exercem no contexto de sua profissão. O processo de negociação da identidade de trabalhadoras imigrantes, mesmo entre aquelas que exercem profissões distintas, possibilita o surgimento de comunidades que ajudam a criar laços imaginários. Essa ação representa o que Anderson (2005) define de “comunidades imaginadas”, que possuem a função de permitir a conexão das pessoas.

Desta forma, ao investigarmos a identidades das imigrantes venezuelanas nos níveis individual e social, precisamos recorrer a Hall (1996) para verificarmos como essas imigrantes se inserem na cultura do local de destino e como suas identidades e respectivas diferenças relacionam-se com a nova realidade social. Nesta conjuntura, não podemos

esquecer que as recordações do passado e as experiências do presente são importantes nas negociações identitárias das migrantes peruanas.

No decorrer da análise dos depoimentos das venezuelanas que participaram da pesquisa, identificamos alguns conflitos entre elas. O relato da venezuelana comerciante informal que vive em Boa Vista desde 2016, María Morales<sup>1</sup> de 35 anos e natural de Maracaibo, exemplifica esta situação:

Hay muchas diferencias entre las venezolanas. Las personas de clase alta tienen una vida diferente. Posseem estudio y otro tipo de comportamiento. Los que pertenecen a una clase socioeconómica más baja encaran la vida de otra manera. No són muy comprometidas. Aquí podemos citar como ejemplo las diferencias entre las mujeres prostitutas y las quien tiene un trabajo fijo. Las con trabajo fijo tiene mejor perspectiva de la vida. Gran parte de las venezolanas que son prostitutas sólo trabajan para comer algo y pagar el alquiler. (Entrevista concedida em: 19/11/2017).

O depoimento de María Morales nos proporciona a seguinte reflexão: a questão migratória, por abranger momentos distintos, é marcada por diferenças. As negociações identitárias de cada sujeito migrante explora a diversidade de momentos críticos pelos quais passam esses sujeitos. Nesta perspectiva, a memória surge como uma potência subjetiva e as lembranças se materializam em imagem e sonhos.

Desse modo, Halbwachs (2004, p.41) diz que “a memória do indivíduo depende da relação entre as comunidades de destino em que está inserido, tais como instituição familiar, local de trabalho, local de estudo, instituição religiosa, associações, etc”. Para este autor, todos os mecanismos sociais que compõem a vida do indivíduo, ajudam a compor a memória individual que, sem dúvida, poderá ser constituída socialmente.

Contudo, devemos reconhecer que adaptar-se e integrar-se a realidade do local de destino é também uma prática complexa. Goettert e Mondardo (2010, p.102) afirmam que “as migrações movimentam os valores e os sentidos, que se encontram e se desencontram, se “aproximam” e se “distanciam”, se juntam e se chocam, se inter cruzam e se sobrepõem”.

Em relação as venezuelanas que fizeram parte desta investigação, verificamos que algumas se integraram facilmente a realidade brasileira, chegando a assumir a identidade de venezuelana e de brasileira. Já outras, criaram barreiras a integração com os novos elementos da cultura brasileira. Costumam utilizar a memória para manifestar os elementos que possibilitam a reprodução a cultura de origem, ocasionando, entre outras coisas, conflitos e valores.

A valorização do passado, sem dúvida, representa a afirmação identitária através da memória e da reprodução dos costumes de origem. Como exemplo, podemos citar a narrativa da dentista Florencia Soares<sup>2</sup> de 45 anos, natural de Puerto Ordaz, que está há 03 anos em Boa Vista. Quando foi questionada sobre o que sente mais falta da Venezuela, a

---

1 Nome fictício.

2 Nome fictício.

resposta dada foi permeada de tradicionalismo: “Yo siento falta de tudo, de los costumbres, la comida, la música, de mis amigos y especialmente a mi familia. No me acostumbré a la realidad de Brasil”. (Entrevista concedida em: 14/10/2017). Na fala da venezuelana, de Puerto Ordaz, identificamos que a forma de pensar dessa entrevistada só nos ajuda a compreender que a identidade negociada pelos imigrantes no local de destino é carregada de valores referentes à cultura de origem.

Pollak (1992) expressa que a memória individual é uma herança cultural do grupo social do qual o indivíduo faz parte. Conforme este pensamento, a memória se compõe de acontecimentos, personagens e lugares de vida que permanecem como vestígios nas narrativas de cada pessoa entrevistada. Por ser uma construção tanto individual quanto coletiva se relaciona com o sentimento de identidade, torna-se um fator importante na continuidade e na coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. Nesta perspectiva, a memória trabalha a identidade de um grupo nos momentos de conflitos, por exemplo. Hall (2000) nos diz que a identidade representa a busca de algo que falta fora de nós mesmos. São, na verdade, pontos de apego temporário.

É possível perceber que processos (e/i) migratórios como as das mulheres venezuelanas representam uma escola de vida, um acúmulo de histórias, memórias, vivências identitárias e experiências culturais dotadas de significados. As duas narrativas citadas podem parecer muito simples, mas possibilitam distintas interpretações. Entre as interpretações que podemos realizar, está a concepção de que os processos (e/i) migratórios não são somente mudanças geográficas de espaços físicos, são experiências culturais. É uma fonte de valores que não deixam a vida se acomodar, uma vez que na prática migratória o passado e o futuro ganham sentido na vida presente. Logo, ao somar experiências e expectativas, a (e/i) migração torna-se um processo diário, de cada momento, de acordo com as negociações identitárias realizadas em cada contexto e temporalidades.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As questões abordadas neste trabalho nos possibilitam, agora, tecer algumas conclusões, as quais não pretendem dar conta da complexa questão das migrações femininas contemporâneas nas chamadas “sociedades complexas”, mas contribuir para enriquecer o debate que ela suscita. A abordagem de tal questão possibilitou a análise da inserção das mulheres venezuelanas nos fluxos migratórios para o Brasil, especialmente para a cidade de Boa Vista, capital de Roraima. O estudo demonstrou que a (e/i) migração não é somente resultados de uma escolha racional, mas também de estratégias pautadas pelas redes migratórias nas quais homens e mulheres estão inseridos, contribuindo para rearranjos das relações familiares, de amizade e de gênero.

Para tanto, o estudo analisou a participação das mulheres nos fluxos migratórios de pessoas de nacionalidade venezuelana na capital de Roraima e relatou alguns elementos

da vida dessas mulheres. O trabalho de campo ocorreu em Boa Vista e os dados coletados a partir das entrevistas revelou que as mulheres venezuelanas participam efetivamente do processo migratório, integrando e articulando as redes de migração. Os dados também sugerem que a migração de mulheres venezuelanas provoca rearranjos familiares e de gênero, bem como redes de amizades, ao longo do processo migratório.

Nesse sentido, as identidades das mulheres venezuelanas são compreendidas com o auxílio da memória, dentro do processo de construção da realidade social. Entretanto, Assis (2007) ressalta que nos estudos clássicos de migração, as mulheres eram descritas como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos ou filhos, sem evidenciar, por exemplo, a importância de seus ganhos para a renda familiar.

No contexto apresentado, as redes de sociabilidade são informadas pelas normas do parentesco e de gênero. Mas no geral, as mulheres venezuelanas utilizam-se muito mais da ajuda fornecida por parentes e recorrem a expectativas temporais, que vão sendo redefinidas ao longo de suas trajetórias. Assim sendo, na medida em que as mulheres venezuelanas organizam e ampliam seus laços com a cidade de Boa Vista, as identidades também vão sendo (re)definidas por uma forma de identificação comum. Entretanto, tudo isto depende, em grande parte, das motivações que impulsionaram a imigração estudada. A pesquisa verificou, por exemplo, a existência de uma relação de complementariedade e interação na prática migratória.

Apesar das características mencionadas, é importante destacar que por se tratar de um processo migratório recente foi muito difícil apontarmos de forma precisa as motivações da migração de mulheres venezuelanas para Boa Vista. Apontamos, no entanto, como principal tendência motivadora do processo migratório a escolha condicionada por motivações chamadas de subjetivas e até mesmo afetivas, marcadas pelo desejo de manter a família reunida ou de formar novas famílias.

Ainda no tocante às características, tal fenômeno nos mostra alguns desafios, entre eles, a globalização dos fluxos migratórios que colocam uma série de questões relativas às formas como estas mulheres são identificadas pela sociedade local, e vice-versa, bem como as variantes que o processo identitário assume dentro do próprio grupo.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem**. Portugal: Edições 70, 2005.

ASSIS, Gláucia. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais, redes sociais, redes sociais, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 15(3): 745-772, setembro-dezembro/2007.

AUGÉ, Marc. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: Edufal;Unesp, 2010.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 14.ed. Sao Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: Sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus, 1996.

BRUMES, Karla R. **Movimentos migratórios em cidades médias: o caso de Uberlândia – MG (1970 – 2000)**. (Dissertação de Mestrado), Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2003.

CARLEIAL, Adelita Neto. Redes sociais entre imigrantes. In: **Anais do Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Caxambu, MG: ABEP: 2004.

CUNHA, Maria Jandyra Cavalcante da. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007.

DUBAR, C. La Socialisation: **Construcion de identities sociales et professionnelles**. 30. ed. Paris: Armand colin, 2000.

FURTADO, Celson. **Desenvolvimento e subdesenvolvimento**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1968.

GAUDEMAR, Jean Paul de. **Mobilidade do trabalho e acumulação de capital**. Lisboa: Estampa Editorial, 1977.

GOETTERT, Jones D.; MONDARDO, Marcos L. O “Brasil migrante”: Gentes, lugares e transterritorialidades. In: **Geographia, América do Norte**, 11, out. 2010.

GUARESCHI, Tupiara. **Imigração árabe em Foz do Iguaçu: A construção de uma identidade étnica**. (Dissertação de mestrado). Cascavel: Unioeste, 2006.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niteroi: EdUFF, 1997.

HALBWARCHS, M. **Memória coletiva**. São Paulo: Editora Vértice e Revista Tribunais, 2004.

HALL, Stuart. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Nº 24, 1996.

JULIANO, D. El peso de la discriminación: debates teóricos y fundamentaciones. In: OSBORNE, R. (Ed.). **Trabajadoras del sexo: derechos, migraciones y tráfico en el siglo XXI**. Barcelona: Bellaterra, 2004. p. 43-55.

LOBO, Andréia de Souza. Mantendo relações à distância. O papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, Wilson (Org.). **Lugares, pessoas e grupos: a lógica do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010.

MARTELETO, Regina M. Análise de Redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MASSEY, Doreen. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000.

NOVELLINO, Maria Salet Ferreira. Os estudos sobre feminização da Pobreza e Políticas Públicas para mulheres. **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, Caxambú – MG, 2004.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento, silêncio**. Revista Estudos Históricos – Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 202-215. São Paulo: Cpdoc/ FGV, 1992.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e europeísmo: Modos de representar o Brasil e a Argentina. In: FRIGERIO, Alejandro; RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). **Argentinos e Brasileiros**: Encontros, imagens, esteriotipos. Petrópolis: Vozes, 2002.

RICOUER, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: UNICAMP, 2007.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradigmas da alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1998.

SOARES, Weber. **Análise das redes sociais e os fundamentos teóricos da migração internacional**. Campinas: Revista Brasileira Estudos Populacionais, v. 21. n.1. pp.101-116, jan-jun de 2004.

STAEVIE, Pedro. **O papel das redes sociais na migração contemporânea de gaúchos em Roraima**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2012.

TILLY, C. Transplanted networks. In: YANS, M. V. **Immigration reconsidered: history, sociology and politics**. Nova York: Oxford University Press, 1990.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ações políricas 1, 7

Amotinadas 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7

Analfabetismo 67, 68, 69, 70, 73, 75, 77, 217, 218, 225

Aprendizagem 21, 146, 190, 191, 196, 198, 208, 211, 219

Artes da cena 1, 2, 5, 8

Aspectos histórico-culturais 86

### B

BNCC/2017 79, 80, 81, 82, 84

### C

Capitã marvel 3, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 21

Casa de parto 164

Cinema 9, 10, 11, 21

Cognição 128, 190, 208, 210

Contexto urbano 5, 176, 177, 181

Contrassexualidade 98, 102, 103

Corpo gordo 5, 154, 159, 162

### D

Desarrollo de capacidades 3, 48, 50, 51, 110, 114, 115, 117

Desarrollo humano 48, 109, 110, 116, 117, 119

Diferença 139, 148, 157, 160, 164, 169, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 225

### E

Educação 6, 4, 5, 7, 22, 23, 33, 34, 36, 38, 43, 47, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 95, 97, 104, 127, 133, 134, 142, 143, 146, 160, 161, 162, 165, 176, 192, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Educación sexual integral 48, 50, 51, 52

Epidemiologia 97, 120, 121, 130, 211

Escolarização 3, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 216, 217, 224

Escuela 3, 48, 50, 52, 53, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 210

Esporte 3, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

## F

Feminicídio 5, 87, 96, 97, 133, 134, 137, 139, 140, 150, 151, 152, 153

Feminismo 3, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 21, 22, 32, 43, 52, 53, 65, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 140, 153, 162, 175

## G

Gênero 1, 2, 3, 4, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 69, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 127, 128, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 168, 171, 172, 174, 181, 186, 187, 190, 209, 210, 211, 212

## H

Heranças educativas 67, 68, 70, 71, 73, 75, 77

Humanização 5, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175

## I

Identidade 12, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 82, 84, 85, 89, 96, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 156, 158, 162, 175, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 225

Indígena 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151

Interculturalidad 109, 110, 114, 116, 117, 118, 119

Intersexo 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 38

## L

Literatura 92, 98, 99, 101, 102, 103, 107, 128, 129, 154, 158, 160, 161, 208

## M

Maternidad 3, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Migrante 109, 110, 182, 183, 184, 185, 188

Motim 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Mulher 4, 5, 12, 20, 22, 86, 87, 88, 89, 95, 122, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 140, 142, 154, 167

Mulheres 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 218, 222

Mulheres negras 4, 19, 20, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 164, 166, 168, 171, 175  
Mulheres venezuelanas 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

## **N**

Necropolítica 4, 86, 94, 97

Notificação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 132

## **P**

Pedagogias feministas 1

Plano de desenvolvimento institucional 35, 38, 43

PMEA-TO/2015 79, 80, 81, 82, 83, 84

PNE/2014 79, 80, 81, 82, 84

## **R**

Redes sociais 105, 139, 176, 178, 187, 188, 189

Representação 9, 11, 12, 20, 21, 24, 32, 98, 99, 101, 103, 108, 153, 157, 158, 195, 196

## **S**

Sexo 10, 14, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 37, 52, 53, 56, 65, 66, 84, 86, 88, 103, 104, 108, 114, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 129, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 166, 174, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 204, 206, 208, 210, 211

Sistema de informação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132

## **T**

Teoria queer 33, 34, 98, 99, 102

Transexualidade 98, 100, 104

## **U**

Universidades 1, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 152

## **V**

Violência 4, 5, 19, 38, 42, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 164, 169, 176, 181

Violência doméstica 4, 87, 88, 94, 95, 96, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 152

Violencia hacia las mujeres 48, 49, 53

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



  
Atena  
Editora  
Ano 2022

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

# GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena  
Editora

Ano 2022